

BNH tem Cr\$ 1 bi para o GDF

Marcio Di Pietro

Verba de Cr\$1 bilhão e 300 milhões está disponível no caixa do Banco Nacional da Habitação (BNH) para o Governo do Distrito Federal empregar em obras de saneamento básico de Brasília e cidades-satélites, inclusive, na despoluição do Lago Paranoá. "É a primeira parcela de um total de mais de 14 bilhões de cruzeiros, destinados a atender às necessidades de infraestrutura comunitária. Os recursos serão liberados pelo banco tão logo seja assinado o contrato com o Banco Regional de Brasília (BRB) — o que poderá ocorrer ainda hoje —, para o repasse do montante", disse ontem, o diretor regional do BNH, João Scarano.

— Em parte, o atraso na liberação da verba deveu-se à Resolução 831, do Conselho Monetário Nacional (CMN), que regulamentou o endividamento das empresas estatais —, explicou o diretor do estabelecimento de crédito, esclarecendo que com a Circular expedida pelo Comor (MF), permitindo a liberação de recursos para os Estados e municípios, foi possível acertar os detalhes para a assinatura do contrato.

Recursos insuficientes

O próprio diretor do banco reconhece que estas verbas — que serão liberadas de acordo com o cronograma —, são suficientes apenas para dar início às obras, cujos custos totais estão orçados em 12 milhões de UPCs (cerca de 130 bilhões de cruzeiros). Os recursos serão repassados ao GDF através da Sociedade Habitacional de Interesse Social (Shis), visando à despoluição do Lago Paranoá — que já alcança índices insustentáveis —, ampliação das redes de distribuição de água, nas cidades-satélites e melhoria nas estações de tratamento de esgotos da Caesb, no Lago Sul e Norte.

— O ministro Mário Andreazza, do Interior, orientou pessoalmente a diretoria do banco no sentido de acompanhar de perto a evolução do problema de poluição do Lago Paranoá. Por isso, nossa preocupação é tão grande quanto a das autoridades do GDF, que estão com os projetos prontos para dar andamento —, disse João Scarano.

Lago Sul

Segundo o diretor do BNH, a próxima etapa nas obras de saneamento devem atingir o Lago Sul, onde o problema é mais sério, com todos os lençóis freáticos contaminados, devido às fossas existentes. Esclarece, ainda, que a Caesb vem realizando um eficiente trabalho contra as ligações clandestinas de esgoto nas redes de captação de águas pluviais.

Para ele, é louvável o trabalho desenvolvido pelo Governo do Distrito Federal, no sentido de dotar as satélites de Brasília de toda a infraestrutura de saneamento básico empregando até recursos próprios.

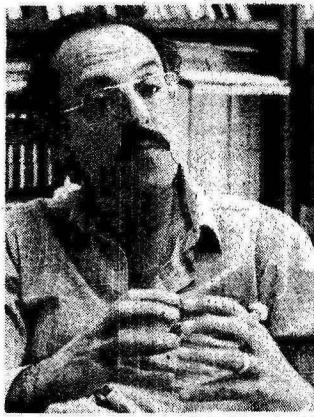
"No máximo dentro de uma semana, em função das providências que já foram tomadas, esta primeira parcela da verba estará depositada no BRB", garantiu João Scarano.



Júlio Fernandes

Silva Vilarina

Quem avista o Lago, de longe, não pode mesmo imaginar que ele guarde tantos problemas. Os pescadores, alheios à poluição, continuam seu trabalho e, como os que procuram a área como opção de lazer, correm o risco de serem agentes de contaminação. Dianese, da UnB, sugere uma secretaria



Julio Fernandes



Ornellas afirma que está atento

O governador José Ornellas explicou, ontem, que a poluição do Lago Paranoá é um problema antigo, que se vem arrastando há vários governos, "sendo também objeto de preocupação de meu governo. Reconheço que se trata de uma obra cara e que não adianta nada atacá-la sem terminá-la, espero até o fim de meu governo ter pelo menos a definição desse problema. É possível que não façamos nenhuma obra, mas vamos comprar equipamentos necessários de forma que na nossa saída fique tudo encaminhado para o governo seguinte".

Segundo Ornellas, a despoluição do Lago Paranoá implicaria hoje em gastos da ordem de Cr\$ 100 bilhões e, "embora reconheçamos que se trata de uma obra importante e de longo prazo, com recursos vultuosos, optamos pela aplicação dos recursos disponíveis em outras regiões como as cidades-satélites".

Assistência ao Lago

O governador garantiu, contudo, que o Lago Paranoá está recebendo assistência permanente dos técnicos da Caesb, "que vêm adotando medidas preventivas como agora, quando alenta para que não se tome banho em determinados trechos".

— A população não precisa se alarmar, porque a Caesb realiza um trabalho bom no Lago, onde, inclusive, faz a medição da água, levando-a para laboratórios.

José Ornellas revelou que o GDF tinha um conjunto de obras para tocar com os recursos do BNH, "inclusive, no Lago Paranoá. Os recursos, porém, não foram suficientes, e preferimos atender parte das cidades-satélites. As obras do Lago têm de começar e acabar, por isso, os recursos foram canalizados para o saneamento de outras áreas do Distrito Federal".

Disse que já foram apresentados estudos à Seplan no sentido de obter financiamentos. "A Seplan dispõe de recursos das mais variadas origens e tem muito melhor condições de definir o problema. Estamos aguardando os estudos que estão sendo feitos lá, para que possamos tomar qualquer atitude".

João Carlos e Aboudib aguardam

O secretário de Serviços Públicos, José Horácio Aboudib, disse que o GDF já encaminhou expediente à Seplan esclarecendo os problemas existentes no Lago. "Porém, esses dados ainda estão em estudo. Os projetos já estão prontos, inclusive, já temos até licitação feita. Ocorre que o BNH não pode ainda nos repassar os recursos para a obra".

Por sua vez, o superintendente da Caesb, João Carlos Siqueira Filho, disse estar esperando uma definição de recursos para atacar a obra. "Até hoje só tivemos recursos para projetos e nada para despoluir o lago. Foram convênios firmados entre o GDF e o BNH".

De acordo com as informações de João Carlos Siqueira, "a solução para o problema do lago está toda feita e aprovada. Só falta mesmo o dinheiro para podermos implantá-la. Acho que o administrador público tem a obrigação de alertar sobre o problema existente no Lago".

Para muitos, o Lago é fonte de sobrevivência

O Lago Paranoá, com suas águas poluídas e alto potencial de contaminação, é, para um número expressivo de pessoas (cerca de 100, provavelmente) uma fonte de sobrevivência.

Sujeitos à perseguição periódica e rigorosa dos fiscais da Sudepe, que proíbe a pesca com tarrafas, e advertidos sobre os peixes contaminados que vendem, os pescadores persistem na atividade clandestina por uma razão óbvia, a sobrevivência. De pouco conversa, desconfiados, todos eles têm o mesmo ponto de vista: o que não mata, engorda. O argumento é que, até agora, não tomaram conhecimento de nenhum caso de doença provocada pelo consumo do peixe pescado no Lago e que, até pelo contrário, ele "tem enchido a barriga de muitos".

Na área, de acesso proibido, que contorna a estação de tratamento de esgotos da Caesb, no Lago Norte, cercada de arames, um grupo pesca, em meio período do dia, cerca de 60 quilos de biquara, também conhecido por cará. Já acostumados ao mau-cheiro que predomina na atmosfera do local, os pescadores têm como maior inimigo os fiscais da Sudepe que, em suas buscas periódicas, apreendem todo material de trabalho, tarrafas, carrinhos de mão e os rudimentares barcos de madeira.

O peixe, quando não é vendido aos moradores das proximidades do local da pesca, é levado, já limpo, até o Gama e outras cidades-satélites para ser comercializado em bancas volantes, a 1.800 cruzeiros o quilo. Ainda vivos, oito peixes custam mil cruzeiros. Às vezes, os compradores são das superquadradas 416, 216, mas a maioria do produto é vendida nas invasões localizadas no final da Asa Norte ou a que fica próxima ao

CEUB. Luis, que integra um grupo de seis pescadores, diz que a renda varia de mês a mês, mas garante que "dá para sobreviver".

O maior cuidado dos pescadores é com os barcos, muitas vezes utilizados por vários grupos em turnos revezados. Ou escondem-no debaixo da água ou no mato. Apesar da atividade da maioria se concentrar durante o dia, o período da noite é melhor para a pescaria. De dia, apenas biquara. À noite, as tarrafas podem pegar bagre, carpa e tucunaré. Porém, a escuridão é perigosa. Além de cobras, os pescadores contam já terem vistos jacarés. E não faltam histórias de assombrações, de fantasmas dos que morreram no Lago.

Opção de lazer

Paralela à atividade dos pescadores profissionais, as férias escolares transformaram a beira do Lago em uma opção para os que não saíram da cidade. Embaixo da Ponte do Bragueto, considerada uma das áreas de maior poluição, é comum encontrar pescadores amadores, solitários ou em grupo. Ontem, quatro adolescentes, apesar da manhã fria, tentavam ganhar o seu "tira-gosto" do almoço. Moradores das SQN 315, 116 e 316, Leonardo, Flávio, Sérgio Eustáquio e Richar Greiffo, sabem e ouviram dizer sobre os peixes contaminados, porém acham o risco de contaminação pequeno. "Jogou na gordura quente, os micróbios morrem", brinca um deles. Agora que é férias, eles costumam ir ao Bragueto três vezes por semana. Os adolescentes admitem que as mães não são muito favoráveis a essa alternativa de lazer, porém, para evitar problemas, eles já chegam em suas casas com o peixe limpo, pronto para ser lavado e colocado na frigideira.

Paranoá preocupa moradores do setor

Os moradores do Lago Sul estão preocupados com a poluição do lago, principalmente os residentes nas QLS orde, nesta época do ano, o mau cheiro proveniente das águas poluídas aumenta. Embora a maioria não saiba o que pode ser feito para a sua recuperação, há alguns que sugeriram até a criação de um movimento ecológico pela despoluição do lago.

Márcia Brazão, residente há quatro meses na QL 18, disse que ainda não sentiu em sua casa os efeitos da poluição do lago, mas entende que alguma coisa deve ser feita para se evitar a degradação da área. Lembrou que, como ela, muitas pessoas se mudam para aquela região procurando um lugar mais bonito e saudável para viver, e lastimou que uma poluição de alto risco esteja ocorrendo.

Já Maria Alao Gonçalves, residente na QL 23, explicou que nunca sentiu qualquer cheiro mais acentuado, e contou que tem duas crianças que frequentam a área, principalmente para pequenas pescarias.

Adolescentes

Os adolescentes Rubens, 17 anos, Georgina, 14 anos e Alessandra 14 anos, todos residentes na QL 18, também estão preocupados com as condições ambientais da área. Eles defendem, inclusive, uma mobilização maior da população no sentido de organizar um movimento que possa exigir das autoridades competentes medidas imediatas para despoluição do lago e tratamento de esgoto da área.

Alessandra e Georgina comentaram que muitos moradores e usuários de barcos e lanchas no Lago Sul estão perdendo o interesse em usufruir deste lazer devido ao mau cheiro das águas do lago. Relataram que no último final de semana as condições para passeios de barco no Lago Sul estavam péssimas e o cheiro da água poluída insuportável.

Criação de Secretaria é solução

A despoluição do Lago Paranoá, a própria industrialização de Brasília ou qualquer aspecto que implique em modificar os planos iniciais da Capital da República só serão possíveis com a criação da Secretaria do Meio Ambiente, no âmbito do Governo do Distrito Federal. Assim pensa o professor de fitopatologia da Universidade de Brasília e geólogo, José Carnini Dianese. "O Governo pensa em criar várias secretarias, mas para a ecologia ninguém liga e, sem ela, Brasília terá, daqui a alguns anos, um imenso lago podre".

MS e PHD pela Universidade Federal da Califórnia, José Dianese garante que mesmo com a construção das usinas de tratamento de esgoto na bacia do Lago Paranoá, a despoluição ainda levará algum tempo. "Com verbas necessárias, que creio que o Governo esteja tentando conseguir, pode-se construir a usina, mas só a natureza será encarregada de restaurar a bacia do Lago, desde que diversos fatores — que causam esta despoluição — sejam dizimados".

O problema que o lago de Brasília hoje enfrenta, segundo José Dianese, é devido a insensibilidade dos governantes da capital, desde a inauguração há 24 anos. "Sendo artificial, o lago possui problemas resultantes de pecados originais, alguns deles vinculados à própria ocupação pelas águas de uma bacia coberta por vasta vegetação e contendo, conforme afirmam alguns pioneiros, numerosos barracos, acampamentos inteiros, fossas e refúgio de construção. Essa massa orgânica — que está no fundo do lago — foi decomposta e parte dela ainda está em decomposição — a prova disso são os inúmeros troncos avistados a olho nu".

Detritos orgânicos

"Se não bastasse", explica Dianese, "os inúmeros detritos que são, diariamente, despejados no lago, vindos do Núcleo Bandeirante — através do córrego Vicente Pires, que cai no já poluído ribeirão do Gama, que se une a três lagoas de decantação do esgoto do Guará, já saturadas — e desaguam no Lago Paranoá, ainda possuímos as penínsulas sul e norte e as inúmeras invasões nas margens do lago, o que acumula, cada vez mais, os detritos orgânicos e, conseqüentemente, sais solúveis (principalmente nitratos e potássio), o que permite o crescimento das algas e a sua morte — ocasionando o mau cheiro".

A insensibilidade do Governo é flagrante, garante o professor. Recentemente o GDF destruiu a única mata que existia no Lago Norte para abrir um dreno de água pluvial e a conseqüência disso é o "assoreamento" do lago, também uma forte causa da poluição. "O assoreamento é o despejo no lago de solos e detritos, o que diminui o volume de água e, conseqüentemente, aumenta o poder dos poluentes".

A Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb) tem adotado a sulfatação (sulfato de cobre) para matar as algas marinhas. O sulfato, argumenta Dianese, é algicida e esta medida minimiza o problema, mas com o tempo as populações de algas resistentes ao sulfato de cobre serão selecionadas e tenderão a crescer, tornando o tratamento inócuo. "A poluição do Lago era esperada, pois em um país de clima tropical, com temperaturas favoráveis ao crescimento da biomassa, seria um milagre manter-se em equilíbrio sem que cuidados especiais fossem tomados".

Algumas soluções

Colocar aguapês no Lago Paranoá, segundo o professor, pode ajudar a despoluição, desde que alguns cuidados sejam tomados. De acordo com ele, o aguapé é um indicador da poluição, mas só terá um efeito retroativo caso os órgãos competentes não os deixem também morrer no Lago Paranoá. "Se isso acontecer eles terão o mesmo efeito das algas e ajudarão a poluir".

— O mesmo aplica-se à piscicultura. Não adianta jogar peixes no lago, para que eles — com o tempo — acabem com as algas e os pescadores utilizem redes "malha fina" e matem os filhotes.

O equilíbrio do Lago depende da água pura e de um manejo racional do solo e da vegetação que o cerca. Algumas causas poluentes, que podem ser evitadas pelo GDF são: limitação do crescimento das cidades-satélites, não implantação de núcleos habitacionais nas margens e nem indústrias, até que um tratamento de esgoto a nível terciário seja implantado (destruição dos sais solúveis), remoção da maioria das favelas e barracos e limitação das atividades agrícolas ou até mesmo sua abolição.

Sema concorda com a Caesb

A Secretaria do Meio Ambiente não tem nenhuma ingerência nas questões afetas ao Lago Paranoá, porque a Caesb é o órgão local que assume todas as responsabilidades nesta área. Segundo técnicos da Sema que acompanham os estudos feitos pela Caesb, no entanto, para a solução do problema de poluição do lago é necessário a rápida liberação de recursos pelo governo federal.

Embora já existam propostas de tratamento da poluição com meios alternativos — como é o caso dos aguapês, que vêm sendo utilizados experimentalmente em certas regiões de São Paulo — a única saída para o Lago Paranoá é mesmo a implantação de duas novas estações de tratamento de esgoto, concordam os técnicos da Sema.

Segundo argumentam também, a lenta liberação de recursos necessários para o combate à poluição no Lago Paranoá não ajuda a resolver o problema, pois com a inflação os valores iniciais tornam-se defasados.